

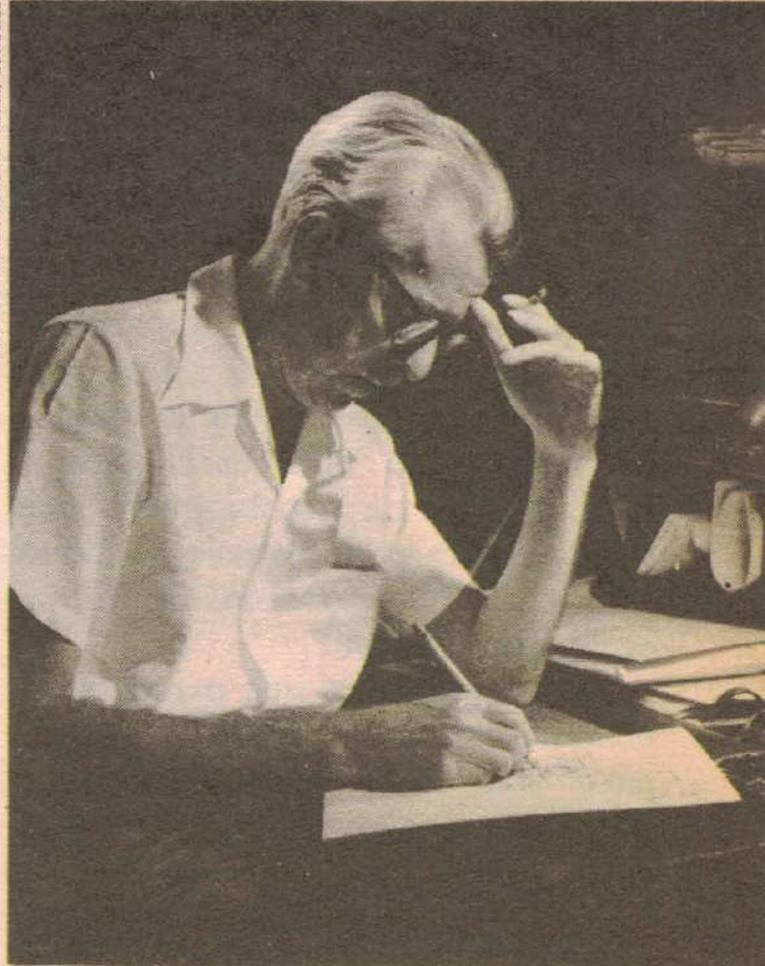
A despeito da sua tragédia pessoal, ele escrevia e desenhava com uma simplicidade tão encantadora que hoje é considerado o mais versátil dos humoristas americanos

O MUNDO de James Thurber era um mundo muito especial. Seus textos eram povoados por parentes imbecis, mulheres belicosas, maridos malucos, atletas débeis mentais e cachorros adoidados. Seus cartuns estranhos e amorfos tinham uma qualidade extraterrestre — como se tivessem sido desenhados debaixo de água. Certa vez, um artista perguntou a Harold Ross, diretor da revista *New Yorker*, por que publicava tantos cartuns de «um artista de quinta categoria como James Thurber».

«Thurber não é um artista de quinta categoria», retrucou Ross lealmente. «É de terceira.»

O próprio Thurber não se tinha em grande conta como cartunista. Na realidade, muitos dos seus desenhos foram feitos como distração durante reuniões chatas na redação do *New Yorker*. Uma vez, desenhou uma foca sobre uma pedra olhando para duas manchinhas. A legenda dizia: «HMMMMM! Exploradores.» Observando melhor o desenho, Thurber achou que a pedra não parecia muito uma pedra. Resolveu então transformá-la na cabeceira de uma cama na qual um casal estava deitado — uma mulher zangada e um homem com ar espantado. A mulher dizia ao marido, indignada: «Está bem, seja como quiser... você ouviu uma foca latindo.» Até hoje, este é um dos

DOUGLAS GLASS, SUNDAY TIMES, LONDRES



Delicioso, Permanente James Thurber

Condensado de ROUNDUP

JOHN REDDY

cartuns mais célebres do *New Yorker*.

A despeito desta sua atitude casual, os trabalhos de Thurber têm uma tal permanência que não apenas ficaram, como estão florescendo. Embora ele tenha falecido há mais de 10 anos, sua obra está sendo vista muito mais agora do que quando foi criada. Uma série de TV intitulada «Este é o meu mundo, seja bem-vindo» é baseada nos seus textos e cartuns. Dois livros estão sendo escritos sobre ele, e uma peça com base na sua «vida e tempos difíceis», como Thurber chamou a uma espécie de autobiografia que escreveu, acaba de estreiar no novo teatro da Universidade de Ohio, onde ele estudou.

Numa época em que o seu significado é o que conta em grande parte das manifestações artísticas, Thurber encontrou um novo público entre jovens que não eram ainda nascidos quando ele já estava no apogeu. Talvez a razão seja porque, sob o disfarce do humor, Thurber tratasse temas universais. «A sua forma de humor é também uma maneira de dizer coisas sérias», observou certa vez o poeta T. S. Eliot. «No fundo, há uma atitude crítica em relação à vida.»

Um Triste Cão-Pastor. A vida de James Thurber nunca foi fácil. Nasceu em Columbus, Ohio, numa família da classe média, mas uma gente particularmente pitoresca. Aos seis anos de idade, uma flechada de um de seus irmãos atingiu-o num olho. Perdeu aquela vista, e o acidente foi o início de uma longa

e irreversível caminhada que o levaria à cegueira total. Na Universidade Estadual de Ohio, ele era um estudante tímido e magricela, que mais parecia um triste cão-pastor. Embora se tivesse tornado diretor da revista humorística da Universidade, largou os estudos perto de formar-se para trabalhar na Embaixada americana em Paris. Mais tarde, tornou-se repórter e escrevia para jornais de Columbus, Paris e Nova York. Nas horas vagas, escrevia textos humorísticos, que mandava para o *New Yorker*, revista então no começo e lutando para sobreviver. O *New Yorker* costumava devolvê-los.

Certo dia, sua mulher, Althea, que ele conhecera na Universidade de Ohio, chamou-lhe a atenção para o fato de que estava «se preocupando demais com os textos, escrevendo e rescrevendo até tirar-lhes toda a espontaneidade». Daí em diante, Thurber estabeleceu um sistema: punha um despertador para tocar ao fim de 45 minutos, tempo máximo que se concedia para cada trabalho. Deu certo. A primeira história produzida no novo sistema não somente foi aceita pelo *New Yorker*, como também lhe valeu o lugar de editor executivo da revista.

Rabiscos Terapêuticos. Magro e impaciente, era óbvio que Thurber não fora talhado para um cargo administrativo. «Era uma inteligência incrivelmente irrequieta», lembra o escritor E. B. White, que tinha escritório com ele. «Seus pensamentos eram um emaranhado de

resultados de basebol, problemas táticos da Guerra Civil, Henry James, desajustamentos pessoais, filhotes de *terrier*, crítica literária, muitos ancestrais e problemas modernos. Através desta selva densa, espreitavam os fantasmas imprevisíveis de parentes seus de Columbus, no Estado de Ohio.»

Harold Ross acabou entregando os pontos e comunicou a Thurber que ele poderia deixar o seu cargo de editor executivo e voltar a escrever. Ao mesmo tempo, Thurber continuava despreocupadamente a desenhar seus cartuns cheios de criaturas estranhas e fantasmagóricas — homens, mulheres e cachorros confundindo-se mutuamente. Ele e quase todo o mundo consideravam isto apenas como rabiscos terapêuticos. E. B. White, contudo, via nos cartuns mais que sua aparência superficial. Quando White e Thurber escreveram um livro satírico intitulado *O Sexo É Necessário?*, White insistiu que Thurber o ilustrasse. Relutante, o editor concordou. O livro foi um enorme sucesso, e Thurber estava lançado como cartunista.

Harold Ross, que nunca ligara aos cartuns, começou a publicá-los no *New Yorker*, o que não impedia que continuasse perplexo diante do absurdo de alguns deles. Um dos que mais o intrigaram mostrava uma mulher nua, agachada no alto de uma estante, enquanto um homem explicava a uma visita: «Aquela ali em cima é a minha primeira mulher, e esta aqui é a *atual* Sr.^a Harris.»

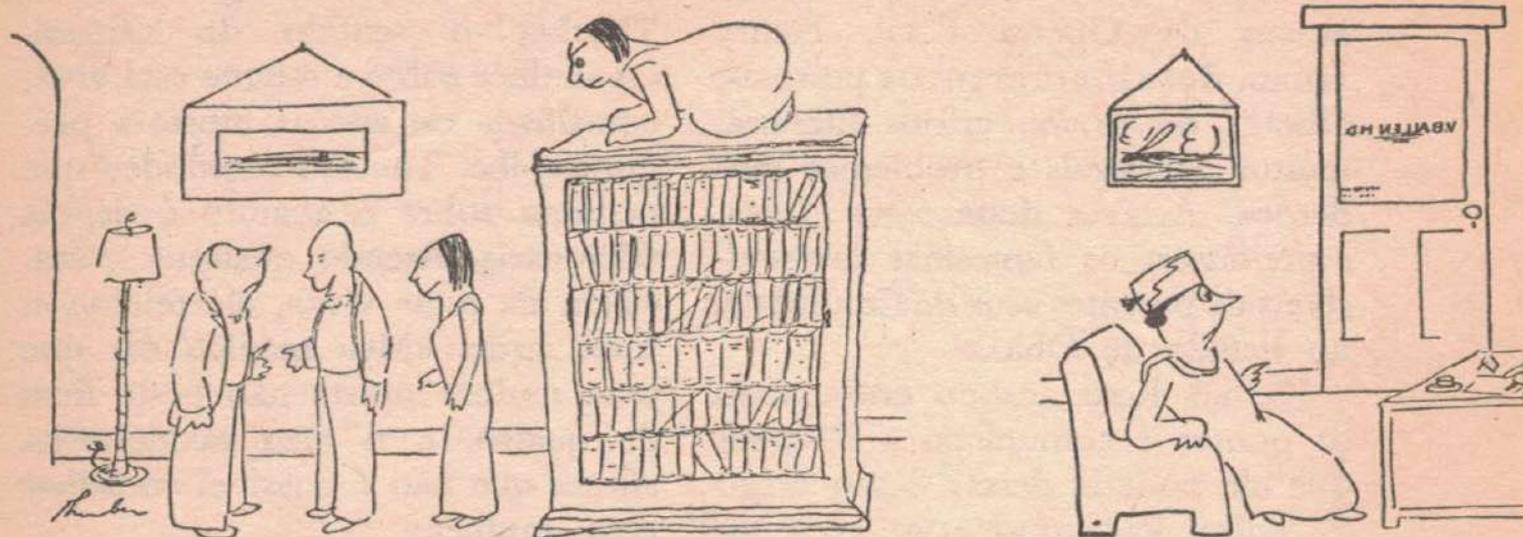
Ross telefonou perguntando a Thurber o sentido do cartum. «A mulher sobre a estante está viva, empalhada ou apenas morta?» perguntou-lhe. Thurber respondeu que pensaria sobre o assunto e depois telefonaria dizendo qualquer coisa. «Tem de estar viva», ele telefonou mais tarde. «Meu médico diz que uma mulher morta não pode ficar de quatro, e o meu taxidermista afirma que não é possível empalhar uma mulher.»

«Então, que está ela fazendo na casa do ex-marido e da sua nova mulher... nua?» insistiu Ross.

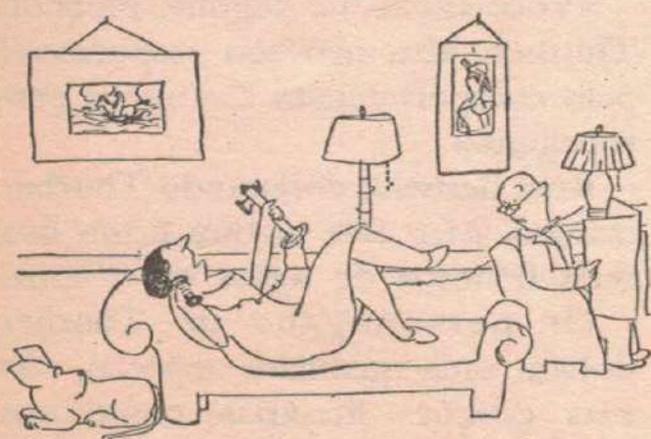
«Você agora me pegou», replicou Thurber. «Eu não sou responsável pelo comportamento dos meus personagens.»

Ross desistiu, declarando Thurber maluco. Mas esse cartum é um dos mais famosos de todos os tempos.

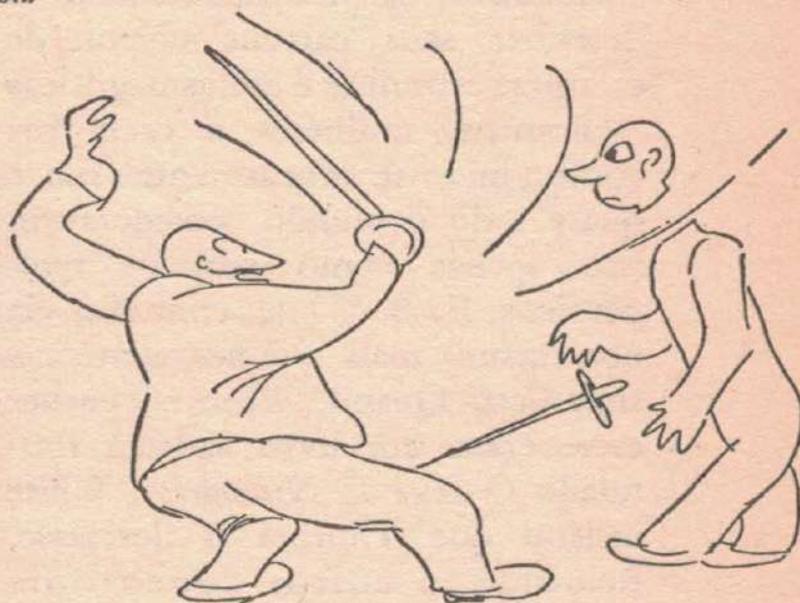
Os personagens de Thurber tinham uma qualidade especial, nas suas criações literárias, como nos desenhos. Eles pareciam esperar tão pouco da vida, lembrar-se dos antigos fracassos e sempre à espera de novos. A escritora Dorothy Parker disse dos seus cartuns: «As figuras que Thurber criou e nos jogou em cima parecem biscoitos que não foram ao forno — e as mulheres são tão irresistivelmente desajeitadas que chegam a ter um fascinante estilo próprio.» Certa vez, alguém queixou-se de que as mulheres criadas por Thurber não tinham sex appeal. «Para os homens de Thurber, têm», respondeu o teatrólogo Marc Connelly.



«Aquele ali em cima é a minha primeira mulher, e esta aqui é a atual Sr.^ª Harris.»



«Se eu disquei o número errado, por que você atendeu?»



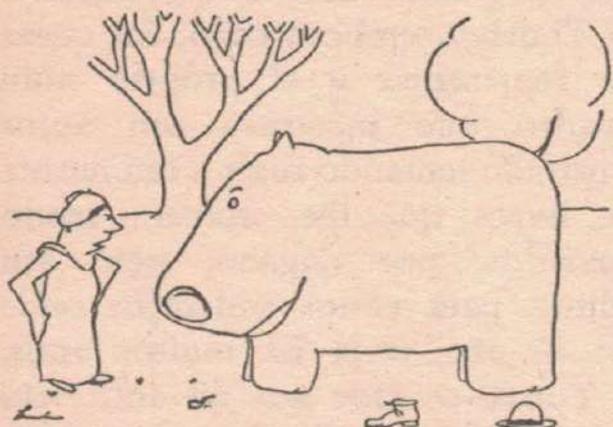
«Touché!»



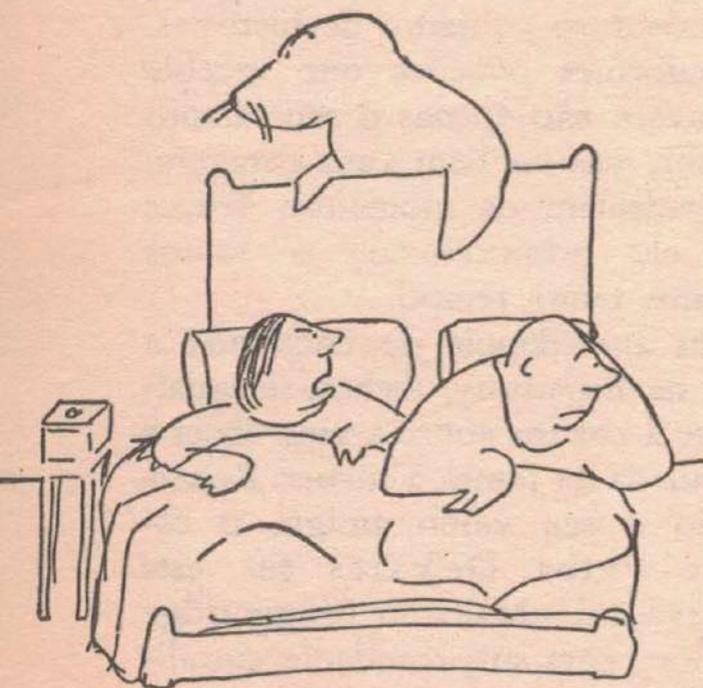
«É um Borgonha ingênuo, sem nenhuma pedigree, mas acho que vocês vão se divertir com a sua presunção.»



«Ainda há pouco a senhora disse que todo o mundo para quem olha parece um coelho. Muito bem, que quer dizer com isto, Sr.^o Sprague?»



«Que fez você com o Dr. Millmoss?»



«Está bem, seja como quiser... você ouviu uma foca latindo.»

«Tá-poquetá-poquetá». À medida que melhorava a vida de Thurber, aumentavam suas velhas inquietações. Deixou o emprego no *New Yorker* (embora continuasse a colaborar com contos e cartuns) e, com a sua segunda mulher, Helen Wismer, começou a viajar pela França, Inglaterra e as Bermudas. Onde quer que se encontrasse, nunca deixou de trabalhar muito, mas com alegria — «como uma criança pulando corda», disse E. B. White.

Certo dia, Thurber sentou-se diante da máquina e começou a bater uma história que começava assim:

«Vamos entrar!» A voz do comandante parecia uma camada fina de gelo que se partisse. Ele vestia o seu uniforme de gala, tendo o quépi cheio de dourados caído, atrevido, sobre um olho frio e cinzento.

«Não vai dar, meu comandante. Na minha opinião, está-se armando um furacão.»

«Não pedi a sua opinião, Tenente Berg», replicou o comandante. «Liguem os refletores! Quero 8.500 rotações! Vamos entrar!»

A trepidação dos cilindros foi crescendo, tá-poquetá-poquetá-poquetá-poquetá...

«Mais devagar! Você está indo depressa demais!» exclamou a Sr.^a Mitty. «Por que tanta pressa?»

«Hein?» fez Walter Mitty. E olhou para a mulher sentada ao seu lado, cheio de espanto...

A história, naturalmente, é *O Homem de Sete Vidas* — a saga de um homem simples e comum que sonha com feitos heróicos e que viria a tornar-se a obra mais famosa de Thurber.

Milhões de homens poderiam identificar-se com Walter Mitty, o sonhador de Thurber. (A prestigiosa revista médica inglesa *The Lancet* chegou mesmo a referir-se ao delírio de grandeza como o «síndrome de Walter Mitty»). Os elogios ao talento de Thurber vinham agora de outras fontes. Ele era geralmente considerado o maior humorista americano, e Ernest Hemingway o tinha como o maior escritor americano.

Para Thurber, no entanto, a satisfação pelo reconhecimento do seu valor era diminuída pela sua perda de visão. Depois de enxergar durante anos apenas com uma das vistas, submeteu-se a uma série de penosas operações de catarata e glaucoma, que o deixaram apenas com um mínimo de visão embaciada. Perdendo pouco a pouco até isto, ele começou a fazer seus cartuns a lápis de cera em largas folhas de papel amarelo, ajudado por uma enorme lupa Zeiss. Finalmente, ficou completamente cego, e foi obrigado a deixar de desenhar. «Você não deve lamentar que eu não possa desenhar», disse ele ao seu amigo John Gude. «Mas, se não pudesse escrever, morreria.»

A cegueira foi um golpe terrível para um homem tão impulsivo e criativo, e Thurber atravessou um intervalo de desespero. Gradual e

penosamente, porém, auxiliado pela sua «mulher de cego», Helen, ele recomeçou a trabalhar, e acabou atingindo um estágio filosófico em que podia até fazer piada da sua situação.

Uma Visão do Amanhã Eterno. Os últimos anos de Thurber foram coroados por uma notável vitória final. Algumas das suas histórias mais famosas foram reunidas numa revista chamada *A Thurber Carnival*, que fez grande sucesso na Broadway. E Thurber, embora cego, foi capaz de representar a si próprio num quadro que mostrava um autor frustrado tentando fugir a um monte de livros que lhe estavam sendo enviados, por engano, pelo seu editor, para vários endereços onde ele já não vivia há muitos anos.

Tornar-se ator aos 65 anos não foi difícil para Thurber, que tinha dom para a mímica e era também um talentoso contador de histórias. As enormes ovações que recebia saudavam não apenas o seu talento de ator, mas também a sua coragem, e agradeciam os momentos felizes que ele proporcionara a tantos durante tanto tempo.

Um ano depois de encerrada a peça na Broadway, fechou-se igualmente a cortina sobre a vida cheia e atribulada de James Thurber. Recordando o seu velho amigo, o escritor Peter DeVries fez esta observação: «Malcolm Muggeridge afirmou, com surpreendente simplicidade, que Thurber dizia sempre a verdade. É estranho, mas ele o fazia melhor nas fantasias a que recorria

tão frequentemente e com tanto carinho.»

Uma dessas fantasias mais encantadoras é *Os 13 Relógios*, que conta de um príncipe e uma princesa que acabam casando no fim. Nessa história, James Thurber exprime por meio de um personagem que ele criou e a quem deu o nome de Golux a essência das fantasias que habitavam o seu mundo de trevas. «'Mantenham-se aquecidos', reco-

menda Golux ao príncipe e à princesa. 'Andem sempre bem juntos. E lembrem-se dos risos. Vocês vão precisar deles mesmo nas ilhas abençoadas do Amanhã Eterno.' Uma brisa fresca soprou na face de Yarrow, e, olhando distante no mar sem fim, a Princesa Saralinda julgou ver, como as pessoas imaginam avistá-las em dias claros e tranquilos, as longínquas e brilhantes praias do Amanhã Eterno.»



Legendas de Caricaturas

MULHER acompanhando o marido à Delegacia do Imposto de Renda: «Lembre-se, eu apenas assinei a declaração. *Você* foi quem fez as deduções.»

— V. R.

MATRONA ao jornaleiro: «Você não tem nenhuma revista feminina que não esteja interessada no meu peso?»

— F. F.

SENHOR IDOSO para uma garota bonita durante a festa: «Posso sentar aqui e conversar um pouco com você? É que eu estou meio cansado e quero que minha mulher me leve para casa.»

— Chesterton

PAI para o filho pequeno: «São chamadas 'sexo oposto' porque, sempre que a gente quer fazer alguma coisa, elas querem fazer o oposto.»

— H. M. S.

CHEFE do escritório para a nova funcionária: «Você verá que aqui não há discriminação de sexos — todo o mundo trabalha demais.»

— E. R.

MARIDO observando a mulher maquilar-se: «Há um pontinho do lado esquerdo do seu nariz por onde ainda se vê você.»

— B. G. H.

O ASSESSOR de um político depois de um discurso eleitoral: «Sensacional! O senhor nunca disse nada mais ambíguo!»

— H. C. T.